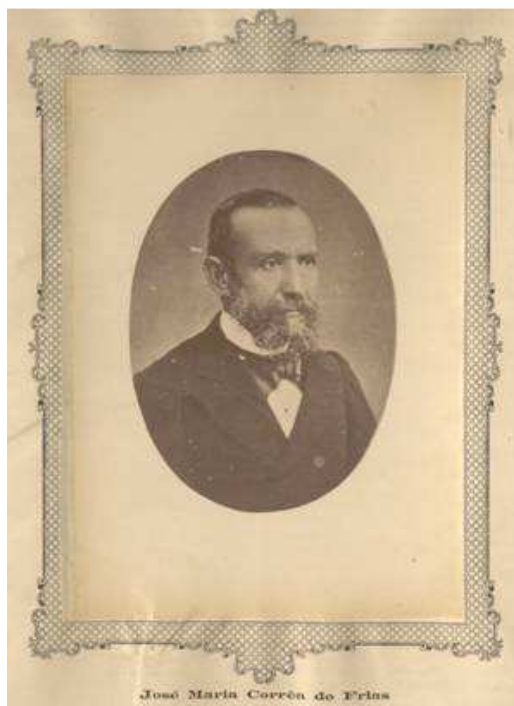


## José Maria Correia Costa Frias



Nasceu em Lisboa em 2 de Novembro de 1828. Filho de António Correia de Frias e Cecília Teresa de Val Frias. Foi para o Maranhão em 1848, na idade de 15 anos e vendo-se só, tratou de por si, fazer-se homem.

Empregado em casa de Joaquim Correia Marques da Cunha Torres, proprietário de tipografia, aplicou-se á arte, sendo depois administrador da oficina.

Em 1857, por falecimento do seu proprietário, ficou Frias com a tipografia, passando ela logo a ser a primeira, devido ao génio activo e empreendedor de seu novo proprietário.

Em 1865, foi o introdutor na província, do primeiro prelo mecânico, em 1867 do aparador de papel, também mecânico, e algum tempo depois, de um motor a gás e daí por diante, de todos os aperfeiçoamentos tendentes a arte, quer em máquinas, quer em tipos.

Hoje dispõe este estabelecimento de dois prelos mecânicos, um dito a braço, uma platina (Liberty), uma dita à mão, uma máquina de picar talões, uma dita de pautar, uma dita de apertar, uma dita de fazer curvas, um numerador duplo, e um motor a gás. Foi na sua oficina que, por mais de uma vez se fabricou a moeda, papel do Banco do Maranhão, tal era o crédito e confiança, que merecia o seu proprietário, que era ao mesmo tempo o operário.

Sempre foi, e é incontestavelmente o seu estabelecimento o primeiro da província.

Em 1869, quando os seus recursos eram ainda o trabalho de todo o dia, ele abandonando o seu estabelecimento com grave prejuízo de seus interesses, conseguiu levar a efeito, a construção do majestoso edifício do Hospital português, de

acordo com a planta por ele mesmo traçada em relação a aproveitar parte do antigo prédio, foi durante mais de um ano, o obreiro incansável, o engenheiro das obras, o administrador, o oficial e até servente, levando a sua dedicação a ponto de empregar todas as horas do dia, e até algumas da noite sob a claridade de uma lâmpada nessa obra, que atestará à nação inteira, de quanto é capaz o seu amor pátrio.

É o proprietário do *Diário do Maranhão*, que, aos seus esforços, foi criado em 1855, quando então era administrador da oficina, passando a ser sua propriedade em 1857. Este jornal suspendeu a sua publicação em 1858, reaparecendo depois em 1873, quando as posses de seu proprietário de novo o permitiram, e tem durado até hoje, contando catorze anos de existência.

Em tudo que é concernente a patriotismo, é sempre um lidador incansável e acérrimo.

Sócio do Gabinete Português de Leitura, logo depois da fundação, que por várias vezes dirigiu como director e presidente. Encarregou-se do penoso trabalho de organizar um catálogo dos livros do Gabinete, que atingiram o número de 4500 volumes.

Foi o fundador da Associação Tipográfica Maranhense, que nessa época em 1851 era a mais considerada das existentes na província.

Frias não tem sido feliz como deveria sê-lo um homem activo e laborioso; tem trabalhado com perseverança e sem descanso, e só tem conseguido à força de uma vida restrita e de uma economia perseverante adquirir e conservar esse estabelecimento que constitui a sua fortuna e um nome pobre porém honrado.

Nós, que por impossibilidade de saúde não podemos travar relações com Frias, quando estivemos nessa província, não deixámos ainda assim, de empregar todos os esforços para obter estes apontamentos, que servissem à apresentação do retrato do português distinto, do patriota incansável, do trabalhador perseverante, que honra hoje a galeria do *Comércio e Industria*. S. Luís, capital da província do Maranhão, é lida pela *Athenas Brasileira*, e justifica-se a nosso ver essa primazia, pois é uma das cidades mais ilustradas do Brasil, de muitíssima sociabilidade, cativando quantos a visitam pela simpática hospitalidade e agradável trato dos seus habitantes.

Já que falamos no Maranhão é forçoso que digamos que de passagem nessa cidade fomos recebidos com toda a amabilidade e franqueza, devido sem dúvida à generosidade, de que esse belo povo é dotado.

Agora que distantes, nos é impossível apertar a mão de Correia de Frias, receba ele uma saudação do seu patrício e colega.

Almeida Pinto *in* Galeria Photographica-Biographica Luzo-Brazileira

Lisboa, 1884.